

# FANTOCHE



# ROCHA MARTINS



Manuel Giraldes da Silva



...Tive um condado tambem  
~~REALIZADO~~ um dia  
D'altos castelos...da fantasia

EX-LIBRIS

# FANTOCHES

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua do Alecrim, 65 - Lisboa - PORTUGAL

## O Senhor Roberto volta à Feira

Foi numa destas ultimas noites de festa. Á saída da casa amiga, onde estivera, olhei o céu borrascoso, a rua tristonha, mal iluminada, senti a lama viscosa — esta lama lisboeta feita de barro e pús, de calcáreo e sangue — e meti rapidamente as pernas ao caminho, porque móro longe, não chego aos automóveis, pois tenho posses de menos para os apanhar, e ameaçava desencadear-se uma chuvada rija.

Pensava no que todos nós, homens da pena e de penar, adregamos remoer, quando sós, altas horas, a caminho dos tegurios, estamos ensimesmados e sômos francos: nas lutas da política, coisas inanes; em vaidades escorchadas, excitações feminis; nalguns camaradas à rédea dos donos da Rolêta da Existência — inelectos boiando em estomagos —; nos escornamentos de uma sociedade dançarinando sobre ferros em brasa; nas plutocracias espertalhaças e jungidoras, nas cumplicidades dos políticos com os da Alta Banca, nos crimes dos joldas da Bolsa e da Arcada...

De repente, a meus pés, uma vózinha, mais desfalecida que maguada, mais de tristura que de queixa, balbuciou, ou antes, soprou num gemido agónico:

— Tambem tu me pisas?

Estremeci porque nunca gostei de calcar nem uma violeta murcha; lembrei-me de certa noite, quando morava num casebre de Alcantara, cuja escada rangia suspiros, por tantos anos de calcadoiro de plantas pobretonas, ter maguado um corpito tenro, infantil, que tambem gemeu e tambem suspirou sob a minha bota.

Este era de um deita galos, miudinho, ensonado e côr de rosa, com suas farripas loiras desenroscando-se da conca da boina carlista, e, enquanto eu, de sósforo acêso, o contemplava, o gaiato contou-me, aos

sacões soluçados, a sua vidinha, a sua pensão de levar dez tostões para casa, sem embargo de o enjejuarem depois de bem sovado, enegrecido, ás punhadas, o rostozito falho de beijos maternos, pois a que lhe dá o ser, lá estava na Galiza a desventrar-se em machos e fêmeas, poedeira de carne de miseria para a carga mal paga ou para regaleira dos falperristas.

Convidei-o a entrar, dei-lhe um naco de pão, tapei com um cobertor a sua carninha friorenta, deixei-o anichar-se até que a manhã dealbasse, dedáda de roseo, e êle pudesse ir ao seu destino, com a cédula de dez tostões e uma saudade, a servir o vampirismo do apoderado.

Alguem, num grande susto, ao vê-lo enrôscado e sombrio, balbuçára — como eu me lembro bem! — que podia ser um ladrão, um dos pequeninos que veem na frente para abrir as portas à quadrilha. Confundiam-no com um negociador de empréstimos.

Eu, sorrindo, redarguira:

— Com este tamanho, será apenas um ladrãozinho... Mas agora deixe-o dormir, não lhe roube o descanso...

Lá em casa nunca se receára de uns sujeitos enlavados que a Penitenciária não tragou desde que os viu no Parlamento, na Arcada ou entrincheirados atrás dos cofres dos financeiros e condominantes adjacências.

Daquêle garotele esfarrapado tinha-se pavor. Que podia ser um João Brandão... O que é a gente singela — da espécie da minha — ouvir mais historias de deita gatos míseros que aventuras de moageiros anafados! E o que é uma pessoa não usar fraque e monóculo mesmo aos sete anos e quando se faz pela vida... dos outros.

Recordava-me de tudo isto, naquela ruasita, endireitada ao Campolide das minhas canseiras, escutando a vózita nova, vinda da valefa, nessa noite de festa.

Baixei-me, julguei ser outro pequenito arraçoado de pesares condimentados de nalgadas e agarrei um vultosinho magro, duro, encharcado, embrulhado em fiapos carnavalescos, fantástico à luz vaga, extranho em seus gemidos:

— Que mal te fiz eu para me pisares?!... Eu que sou como tu, pois digo as verdades...

Enfestado, esqualido, destingido, mal abroquelado, pipiando, aquêla carcassa, borrada de lama, tomava proporções, fazia esgarçar os meus lábios num riso, porque, na minha infância, o admirára e lhe quizera, quando êle era opulento, fero, forte, bom caceteiro, espancador dos maus, dos grandes, dos policias — coitados! — e até do Diabo, de Nosso Senhor o Diabo, que, como sabeis, mas fingis ignorar, de ha muito é presidente da republica do Cosmos. Usava, naquêle tempo, um lindo fato de cavaleiro agaloado e lantejoulante, guinchava improperios, tinha

atitudes e bigodaças; presentemente, não passava de um caco, mal se ouvia, e caíra da carroça do lixo.

Reconheci-o; era o D. Roberto das feiras, o autentico senhor dos teatrinhos de marionetes, amolecido, fatigado, mortiço, perdida a voz de cebola — meu pai do céu! — agora tão cara como uma garganta de prata.

— Em que estado, meu pobre D. Roberto... em que estado!

— Já não tenho dom, a não ser o de dizer tudo quanto sinto... O da fidalguia está carregado de décimas.

— Cidadão Roberto...

— Não aderi...

— Oh! meu querido Roberto da meninice, sempre o mesmo, a catres, a apodreceres, esfaimado, mas sem medo, repontão, indomavel, e gracioso, por Deus!...

— Tenho sofrido muito... Já nem nas feiras me querem... Preferem o Manuel Brôa semsaborão, acomodaticio, carbonario por medo, amanuense sem saber lêr e antigo creado dos jesuitas. Eu só queria ressuscitar...!

— Pois, meu amigo, vamos por êsse mundo a vêr se, proclamando as verdades, acordamos quem tem pesado o sono.

Estavam enegrecidas as fachadas, pretas; eguaes ás consciencias e ás almas dos que vamos descrever. Um ruido alto, como um resôno animal, passava sob a chuvada. Vinha longe a manhã do despertar mas enchi-me de esperanças e levei o Roberto, comprei-lhe um trajo de lucces, sem guizos, e um bastão mocado, envernizei-o, envozei-o, decidi dar-lhe o braço e fazer o que êle sempre fez.

Eis a razão, meus senhores, deste passo novo da minha vida. É por isso, respeitavel público, que Vão Principiar os Fantoches!!!

É acordar, meus senhores, é acordar!

## Os dois barretes vermelhos

O senhor Nuncio, nas suas vestes prelaticias todas em rôxo, de murça e roquete, as borlas de oiro da cinta larga caíndo pesadas e fulgentes, apeara junto á porta do palacio d'Ajuda, entre as continencias, toques de corneta, vénias e mesuras e dirigira-se, atrás do chefe do protocolo, para a capela real a orar ao Santissimo.

Entretanto, no altar môr, o ablegado e o gentil homem que o papa enviara a entregar o barrete ao novo cardial, assistia á sua aposição na credencia de prata esculpida. Era um pequeno solideo vermelho e de seda, que parecia tecido das papoulas altas que o romano desejava cortar no meio dos trigais loiros; representava um principado na Igreja Nossa Mãe e, assim leve, rubro e suave ele lembrava tambem um coágulo de sangue, o símbolo de todo o que se derramara em prol da grande causa do catolicismo. Corôa do novo principe tinha todo o sabôr da tradição. Mal acabara de orar a Deus, tilintaram espadas, ouviu-se um rumôr de passos sôbre os tapetes e as fardas bordadas surgiram, as condecorações scintilaram, os officiais, os diplomatas, os ministros, os deputados, as togas negras, os uniformes brilhantes, as dragonas, as casacas, as batinas formaram numa ala lusida, composta e grave, a deixar passar, para a cadeira dourada, o Chefe d'Estado que ía ouvir a missa.

Uma luz doce, suave, calma, luz de templo e de espiritualidade, pairava no recinto sagrado onde se praticava a cerimonia religiosa e a gente do mando ajoelhava, persignava-se, bensia-se, entreolhava-se como admirada de se vêr ali tão mesureira e tão calada, enquanto o sacerdote ritualisava e a musica sacra em torrentes de harmonias, levava para o ceu a oferta do sacrificio subindo nas nuvens asulinas claras do incenso perturbante.

E' que, se alguns tinham uma notavel indiferença religiosa, outros não podiam deixar de se confessar atheus, autenticos, sem confusões possiveis — nem eles as queriam — pois não desejavam que os julgassem troca-crenças ou troca-lintas.

Houve sempre protestantes contra os mais sagrados crédos, violentos e brutais irreligiosos, os quais, na maioria, á hora da morte, se babaram do horror do nada e apelaram para a clemencia divina. Mas em vida, pimpantes e ousados, desafiando os deuses para agradarem ás turbas, galeando brutalidades e cuspiendo nos dogmas, êles passam na enfatica postura de quem é amigo de Satanaz.

Agora ali estavam, por ossos do officio, macaqueando os crentes. A scena, para alguns dêles, fazia lembrar a sucedida no Teatro Francês entre Cambacerès e Napoleão.

Regicida tronitroante e feroz, brutal e ansiado de popularidade, Cam-

bacerès lôra dos que bradara mais alto, na Assembléa Nacional, no dia chuvoso de janeiro em que Luís XVI recebera a sentença fatal.

— A' morte o tirano! Gritara e sentara-se sorridente, olhando as galerias que o aplaudiam.

Decorreram os anos; trambulhou a republica, e o juiz do rei era príncipe e archi-chanceler do imperio, acompanhava o antigo tenente de artilharia Bonaparte, purpurado de Cesar, nas cerimoniaes; e ali, diante da comédia de Molière, ele, de pé, atraz do soberano, amarelecia, esverdeava-se, torcia-se, como se toda a colera jacobina doutróra lhe subisse á garganta e fosse explodir no seu brado assassino como uzara para com o rei legitimo. Não era um cortezão que ali estava mas um republicano enfurecido, julgaria quem não soubesse dos males secretos do ministro de sua magestade imperial. O regicida tinha varizes e a etiqueta obrigava-o a estar hirto, de pernas direitas, alacaiando o seu senhor.

Foi nestas torceduras e contrafeitos gestos e rangidos de dentes que muita gente assistiu á missa do senhor Nuncio na antiga capela real. Os desgraçados tinham varizes na alma.

Ia-se lendo o breve pontificio num latim erudito que os antigos seminaristas, tornados grandes do regimen, lembravam como a recordação da infancia e os outros desdenhavam como lingua reacionaria.

Um grande silencio descera; as vestes de seda dos bispos roçagaram num irufar de trajos femininos, os assistentes ergueram-se, fulguraram mais as comendas, as espadas, os brilhantes dos peitilhos; tornava-se mais suave a luz, parecia estar-se mais em graça, linda a missa, terminada a cerimonia, quando se ia pronunciar um outro discurso no idioma augusto e sacro.

Recordações do passado enchiam alguns espiritos, os tempos em que se negava Deus porque não se possuia botas de verniz, se insultavam os padres, pois os julgavam inimigos do progresso, e fartos, bem tratados — sobretudo por isso — emquanto elles andavam famélicos, de andainas coçadas, fumando beatas, pedindo corôas, o que levaria alguém a dizel-os, por tais amores a beatas e corôas, catholicos e monarchicos.

Depois evocavam a hora do triunfo, os tiros no mar, o palacio real esburacado, as paredes abrindo, os fumos das peças toldando o ar azul cheio de sol desse dia d'outubro e então, eram as escoltas fortes, conduzindo mulheres aos bandos para o Arsenal, levando homens para os fortes: as irmãs de caridade, de mãos dôces para o tratamento dos feridos, os jesuitas, os franciscanos, os congreganistas, a Deus votados; e em volta algazarreando, pulando, insultando, a garotada suja matraqueava estribilhos brejeiros:

*As irmãs da caridade, pum!*  
*Teem uma casa amarela, etc.*

Em baixo, no Terreiro do Paço, sentado numa cadeira, que a tradição dizia ter pertencido a Pombal, o doutor Afonso Costa, ídolo da rua, demolidor de crenças, mas que tinha a casa cheia de santos, por sinal em pessimas litografias, assegurava, por sua dama, e senhora, a republica, acabar com o catholicismo dentro em duas gerações. E vá de vender os bens religiosos aos amigos, de espoliar as igrejas, de proibir as vestes talaes, de secularisar os cemiterios, de esmagar as almas

crentes que não têm outro consôlo, de legislar á doida, perversamente, com a mesma fúria usada por Cambácerès na morte de Luís XVI, olhando a galeria.

Todos se lembravam como tinham aplaudido e amado, alcunhado de Intangível, como um Crédo Supremo, a lei barbara da Separação onde só prepassa, faúlha, escaida o odio e a vingança, encarado as suas diatribes, e as suas blasfemias, entreolhando-se de soslaio enquanto a cerimonia continuava.

¶ Não eram eles que ali estãvam; tinham alucinações rilhafolhescas, imaginando-se ourados, tonlinhos.

¶ Acabára de se curvar o portador do barrete, muito garboso na sua farda de guarda nobre, dragonada, atravessada por uma grã cruz; e, de botas altas luzentes, as calças brancas, as luvas de canhão, o belo capacete de forma igual á dos soldados pontificios de ha um seculo, êle via entregar o barrête vermêlho, em seda suave, doce, macia, ao Chefe do Estado.

Chegára o grande momento; as vestes cardinalicias já esperavam o purpurado que só assim se alçaria á alta dignidade da Igreja; as individualidades da representação especavam-se a verem avançar o senhor Nuncio na sua pompa eclesiastica, magnífico, elegante, com o sorriso calmo dos diplomatas prelaticios, sereno e direito, torte como a vergõntea dum Podêr muito alto a defrontar outro Poder.

Naturalmente, nesse instante, pensou se qual dessas forças cedia, qual a que transigia, se submetia num gesto de renuncia, e só quem ignore a politica maravilhosa, e secularmente seguida pelos pontifices, é que póde imaginar vitórias sôbre ela. Nem mesmo quando os papas entravam nas prisões a Igreja se dobrava ou se aniquilava; marchava sempre hirta, em passo firme, exactamente, como no salão d' Ajuda caminhava o senhor Nuncio a receber o barrête cardinalicio das mãos do Chefe do Estado português.

Os espectadores espreitavam, curvavam-se, calavam-se, calcavam o verniz das botas uns dos outros e o protocolo, esperavam alguma cousa de extranho nesse minuto histórico— clamores de pôvo no largo ou simplesmente que se fundisse uma lampada eléctrica—mas nada; as cousas correram bem.

O barrête vermêlho, insignia do purpurado, lindo, heraldico, tradicional e côr de sangue—simbolo de todo o que pela fé e seus principios se derramara—já estava na cabeça de Sua Eminência.

Então numa estupefacção enorme, num pasmo tremendo, os da governança encararam-se e um mais atilado, com ar manhoso, murmurou: — Viste? viste? o que Sua Excelencia lhe deu foi o barrête frigio... E assim o espalharam para a calma dos herejes, e como um brometo forte servido aos nervos do Registo Civil.

E como ambos os barretes são vermelhos não lhes chamarão trocintas.

## Confissões duma côdea de pão

• Logo, no primeiro almoço dêste começo de ano, uma côdea rija me feriu a gengiva e o pão, que tanto custa a ganhar, saíu da minha boca tinto de sangue.

Fiquei irritado e a meditar nas navalhas agressivas, tão cortantes e tão caras, contidas num meio quilo de massa que nos trazem à porta como era uso antigo japonês o *mikado* enviar um yatagan recurvo ao *kaimio* decaído da sua imperial graça. Destinava-se ao suicídio e jámais um nobre falhou a empregar a arma como nenhum de nós falta a trincar a fatia homicida, embora com alguma manteiga. A certa altura, talvez vindas de mim ou daquele caco vitreo que me ensanguentara, passaram, na minha retina, visões; vozes extranhas e perturbadoras ecoaram na casinha da comida. Imaginei a côdea pezarosa dispondo-se, à sua confissão, sendo uma victima e uma torturada, arrependida do mal feito sem querer e desejando redimir-se pelo desabafo.

Algumas das suas particulas tinham ondulado, quando espigas côr de sol, nas terras vastas, nos campos largos, palpitado como noivas ao serem tomadas, iguais ás virgens levadas para os giniceus. Sabiam que iam dar prazer como êsse grão de bom trigo, se deixava torturar, moer, conhecendo ser a sua missão alimentar os homens os quais, de novo semeariam, cultivariam, alirariam para a luz as searas. Saíam do moínho alvo e rangente, que parece todo êle de farinha, ou da azenha onde a agua catadupa, esparrinha, e espumeja rendas fantasiosas, breves, momentâneas e sentiam ser o seu sacrificio como a vontade da propria natureza. Um dia, porém, chegou, desolador dia, em que levaram os bons bagos para junto de maquinas poderosas, colossais, formidaveis e nelas as lançaram como em abismos. Era mais rápido o suplício mas começou a tornar-se maior a dôr do trigo sagrado, vindo, desde o fundo dos seculos, a alimentar o homem. Sentia, ante esses processos usados, na fúria e na vertigem, novos corpos exquisitos, irriquietos, desconhecidos e sujos roçando a sua pele doirada e limpa, ungida da graça divina para o consôlo dos que o comiam em excelente pão. Esses objectos tinham outro sabor, nanja o seu, outra côr, outro cheiro mas ali, dentro dos engenhos, confundiam-se a manchar a sua alvura numa boda porca em que as sementes, as cascas, o arroz pútrido aspiravam ao cruzamento e a surgirem, no mesmo corpo a que nossos avós entoavam louvores ante a perfeição, a fôrça, a belesa. Queriam que lhes chamassem *farinha* e que sôbre essas intrusas bodegas se traçasse o doce e bento sinal da cruz ao molhar-se na masseira. O outro, o autentico pão, êsse levedava como uma donzela ao arfar as graças dos seios, cheirava bem, alourava, custava uma ninharia, consolava, não agredia, não cometia crimes. Sim, crimes, bradava o meu raciocínio ou a côdea abandonada e pénitente,

porque ela também envenenava como uma Locusta, serva de gente ávida de enriquecer tanto, de ter tanto ouro como de bagos loiros ha nos trigais da Argentina.

Para isso se uniram, se ligaram, fizeram sociedades, montaram engenhos, monopolisaram padarias, decididos a aniquilar vidas, empeçonhar gerações, ensandevichando na massa dos seus guanós, a que chamam pães, aparas, detrictos, cadáveres de animais, porcarias, tantas como se moessem nas máquinas lascas das suas consciências.

Parece tratar-se de alguma fantasia singular, conto alibábico, ou falperrico; imagina-se passar-se tudo numa caverna, num coio e é ao sol, nas ruas duma cidade, que se luz o espanto da sua riqueza e se vendem os seus bolos envenenados.

Em volta este povo que todos os meses faz sangrar Lisboa, regulando-a no menstuo duma virago, esta onda que gera revoluções políticas, desdenha de se bater pelo alimento, pelo pão, pela existência taboteando-se de gentalha de má cabeça mas, ao que parece, de excelente estomago.

Tudo isto eu ouvia diante da toalha onde jazia a côdea ensanguentada, e era de si mesmo, não me restava dúvida, que saía aquela confissão onde ardia revolta.

Coitada! não tinha precisão de ser assassina e passar a existência a receber enxovalhos

A ela — dizia-me sem rebuço — custava-lhe imenso aquela situação de criadora de dôres para uns e de riquezas para outros, maguava-se quando feria as nossas bôcas, perturbava os nossos estomagos, mas maiores eram as suas amarguras quando, traiçoeiramente, lhe competia envenenar as crianças dos remediados, dos pobres e até as dos ricos, em beneficio dos filhos da grei monopolista.

Ah! então tinha vontade de berrar bem alto a que a obrigavam a ser para gerar opulências, loucuras, bizarras de luxo e de prazeres.

Acaso eu já vira o interior dos lares desses parasitas, já entrara em seus átrios ou espreitara os pateos dessas habitações de nababos?

Eu não. Conhecia históricas residências aristocráticas, gente honrada da velha tradição, geradores de epopeias; entrara em solares dos senhores da lavoura, fartos são e generosos, sabia mesmo de outros interiores de ricos feitos à custa de trabalhos de ano e dia, porém nesses maravilhosos edens que me indicava, não, isso não, jámais penetrara.

Amargamente ia dizendo existirem eles por toda a parte, nas formosas avenidas, nos arrabaldes, nas ruas melhores, com seus mirantes, seus marmores, suas magnificências, entre jardins floridos, parques onde se donairavam pavões de caudas palhetadas e onde se soltavam faisões para regalo dos convidados. Tudo aquilo brotava do solo como por um singularissimo milagre que só o dinheiro, pásadas de notas, carradas de ouro, poderia ter gerado. E como as obtiveram? A Locusta das maiores miserias da humanidade.

Toda a gente movia a grande roda das suas fortunas loucas, lhes pagava o tributo como a sóbas inclementes, o fôro como a tiranos ávidos, o óbulo como a divindades terríveis e misteriosas. Para seu gaudio se moviam nas lamas das minas os operários da sombra e o sábio inventava as suas maravilhas, se andava sôbre as aguas dos mares em frágeis taboas e os cerebros se exgotavam na labuta, se batiavam os exércitos, se resava nas igrejas, se assassinava, se esmolava, se sofria; as mulheres

vendiam a beleza, os homens a fôrça, a alma. Tudo pelo pão molestandor que surgia na ânsia secular de estômagos afeitos a êsse alimento—tão nobre antigamente—agora com os traços de feiiceirias, horrivel, miseravel, ludibriante.

A massa ignóbil, mal cosida para derrancar estômagos, e pezar em demasia, roubando quem a compra, a pasta incrustada de restos, carissima e insalubre, é o alimento de toda uma cidade, dum país, duns milhões de habitantes e por cada criança que nasce é mais uma victima que se espreita.

—Nunca reparaste nos palácios?—interrogava a bucha, molhada de sangue sôbre a mêsã pobre do meu almoço parco.

E então lembrava-me, intensamente, claramente, numa visão perfeita.

Numa região pitoresca, afamada e visinha da Lisboa intranquila, sob a crosta dura da serrania, estância de fantasia ou de prodigio, ela surgira, destacara no painel verde da paisagem, toda vermelha como uma posta de sangue num esvasamento de fel, diria um dos sacrificados ao saber da moradia, mas formosa como uma mansão ideal no rumor das arvores no gorgolejar das aguas, na doçura das brisas, resplandecente e adoravel como se fosse uma moradia de justos.

Em baixo, no caminho antigo, à beira dum riacho quási sêco, sorvido pelas soalheiras, estava um casebre modesto, sem beleza, devastado, tristonho, roído pelo tempo e a seu lado jazia uma roda de açudê em cuja calha não gorgolejava mais o liquido, não passava pela ferida, como se tudo aquilo fosse criminoso e por isso condenado.

Pois, durante meio seculo, os moradores dessa casa tão pobresinha e entristecida tinham fornecido o pão saboroso, limpo, sadio, à vila onde se edificava o palácio, com suas arcarias nobres, de longe, iguais a bocarras negras numa face apopletica, o castelo do barão da finança, opulentissimo, depois de ter fabricado, apenas durante uns anos, o pão para a cidade desmemoriada.

Não podia ser. Aquela côdea mentia, enganava-me raiventa por lhe ter condenado a facada traiçoeira na minha boca tão leal que acolhera a lamina comprada como alimento.

Ela, porém afirmava ser verdadeira; detalhava o poderio dos magnates que recolhiam sessenta mil contos por ano: eram as leis e os seus factores, os deputados, os dirigentes, tudo isso encolhido ante a aluvião de milhões como hipnotisados ou em servidão. De quando em quando impunham-se. Tinham poder, vasto mando, dispunham da fôrça até onde ninguem pôde imaginar. Piratas do mar da tinta remavam nas suas douradas galés; verbosos palradores togados puxavam o lustre às suas botas, estadistas inchados—embora da minguada polpa nacional—jantavam nas suas mesas onde o pão era autentico.

Se eu quizesse, ela, côdea vitrea, agreste, rija, me diria das suas aventuras, negócios, traficâncias que começavam nos maquinismos e acabavam no podre resto, tinto de vermelho do meu sangue, simbolo de todo o outro em que se embebia. E' que não se tratava apenas dêsse, produzido por uma escoriação do acaso. O sangue de que se tingia, e no qual mergulhava, era o de todo o povo, dos consumidores, dos humildes, dos remediados, até dalguns ricos, e ela, nunca fôra trigo nem mesmo a mesclada putréa, embrechada de imundice mas sangue, sangue, sangue daquele que vertemos diariamente para alimentar os monopolistas, os

gananciosos, os senhores da nossa bolsa e vida, aqueles de quem me contaria—se eu o desejasse—os negócios, os passos, as embrulhadas, as vidanças fartas nos palácios portentosos.

Desejava apontá-los, fotografá-los, historiá-los, enquanto eu, perplexo, me arrimava à minha obrigação como a uma vara de justiça.

Francamente, era necessário revelar tudo, não parar, descrever essas fortunas ganhas em tão pouco tempo, esses assaltos mais fructuosos do que os dos antigos trabuqueiros que ao menos, arriscavam a vida, ouvir essa côdea dura e má para a minha gengiva e tão boa para a minha consciencia.

Dize tudo . . . Fala . . . Quanto lucram . . . ? A quem compraram ? . . . Mas primeiro, migalha sangrenta e simbólica, revela-me quem é essa gente, firma, comandita ou classe de quem tão acusadoramente falas. Que conseguem, que açambarcam?

Então, num brado, que toda a nação talvez escutasse à mesma hora ou tivesse ha muito nos tímpanos, respondeu:

Tudo à moagem . . . à moagem . . . acrescentava, rude, franca, e escancaradamente.

Eu julguei ouvir, por minha vez, o que já entrou nos dizeres patuscos num francez usado pelos garimpos dos cais mas que pessoas lavadas não desdenham.

— *A' moi . . . Tudo à moi . . . Era uma divisa . . . à moi, à moi . . .*

*A muá* como escreveriam os parodiantes e como pronunciava aquele resto de pão: *Tudo A moa . . . gem . . .*

A última sílaba perdia-se como o trigo nos maquinismos terrificantes e só a primeira, bem aberta, forte, sólida, se esgarçava, igual a uma bocarra pronta a devorar Portugal daquem e além, a guarda republicana, o governo, a imprensa, o mundo inteiro, as gentes, sem que lhes sangrassse as gengivas erriçadas de dentuças colossais, devastadoras.

Então, Roberto, olhando-me, gritou batendo as palmas como se pretendesse chamar os interessados e os visse entrajados na libré da servidão:

— É acordar, meus senhores, é acordar!

## Os fumos dos lucros de guerra

Como se sabe, Portugal foi á guerra e nalgumas fatias de terra cavada, a que os soldados chamavam *trinchas*, geraram-se muitas mortes, engendraram-se doenças, armou-se uma fabrica de preparação de cadáveres. Tambem de lá vieram sombras que tinham partido vultos, velhices formadas em meses, mutilados horriveis a encherem as ruas como espectros dentro de fardas velhas, rôtas, imagens de derrotas e de miserias.

Isso, porém, é o resultado da guerra, e, embora nos outros países, melhor se ocultem esses acusadores vestigios dum vasto crime, tambem não as escondem tanto que não latejem dôres enormes á sua vista.

Buzinadamente se reclamou a guerra e toda a gente portuguesa ouviu que ela se fazia em nome da Justiça e do Direito ofendidos e, ainda mais, que dessas mortes, dessas mutilações, desses horrores adviriam vantagens enormes, situações soberbas, lucros de dinheiro e de consideração espantosos.

Com effeito, a nação, que não possuía frota e sob a sua bandeira apenas dominava uns palhabotes, nos quais só valia o que não se podia vender, a coragem dos tripulantes, viu-se, de repente, senhora e dona duma esquadra magnifica. Liquidada a lucta soube tambem, que lhe iam entregar milhões — e ses menos palpaveis, mas o portuguez contenta-se com miragens e vislumbra sempre, nos areais d'Alcacer Kibir, um palácio das *Mil e Uma Noites* povoado por D. Sebastiãoes —; acrescentaram ainda que lhe pertenciam grandes quantidades de automoveis, ferragens, maquinas, cousas destinadas a arrematações e, emfim, com dois apertos de mão e três de gasganête — os das contas futuras — nos disseram:

*Merci e Tank You.*

Dos rapasitos numerados e etiquetados uns voltaram perturbados de pasmo, outros jazem por lá, aqui, além, estrumando numa missão animal — que foi a sua, finalmente — o solo glorioso da França, mas emfim a terra alheia.

Emquanto elles se batiam punham-se a navegar os navios, enchiam-se de pessoal, montavam-se escritórios para as suas direcções e, com a sanção das Juntas de Paroquia, as quais se desunharam a passar atestados de republicanismo da nata, os patriotas foram servir o Estado.

Um dia, porém, viram-se cousas pasmosas: os barcos ficavam presos nos portos onde chegavam, carregados de dívidas como filhos familia pandegos, estoura vergas; de quando em quando ardia a carga dum ou outro, restos da que se roubara; nos mesmos escritórios sucediam-se fraudes, assaltos, veniagas, e dessa tomadia, desse lucro de guerra, ficaram apenas duas conclusões: que não ha senão despêsa e que a frase lapidar do senhor Bernardino Machado «onde está um republicano está

um homem de bem» falia com fracasso, como os Transportes Maritimos, sendo a quebra atestada pelas Juntas Paroquiais.

Os soldadinhos entisicavam nas *trinchas*, mas eles cá, em Lisboa, tambem *trinchavam*. E que enormes bocados, que soberbos nacos, que admiraveis pedaços, polpudos, saborosos e macios, encheram as bôcas gulosas?!

Ao mesmo tempo uns senhores, da sociedade com magnates dos ministérios ou não, passavam da bota rôta ao automovel de luxo, da taberna sebenta ao Hotel d'Inglaterra, do casebre minguido ao palacête. Eram os corvos, os rapinantes, os exploradores da morte e do sofrimento, os necrógaños *trinchando* fundamente nas carnes mortas dos homens das *trinchas*.

Depois, como nem todos podiam ser soldados desconhecidos, instalaram-se em França, numa comissão indentificadôra certos officiais, e entre êles um que muito identificava em negocios de electricidade.

Veloz como um deus dos antigos atravessava Paris em automoveis soberbos, entrava em Lisboa com um estadão de principe e ocupando, no Palace, os aposentos ainda quentes da permanencia dum grande soldado, de Joffre, o portugûes official miliciano, mas não dos que se distinguira, blasonava, gastava, atirava milhares de francos, tripudiava, enfim, causava assombro.

Do que ninguem poderia duvidar era do republicanismo desse capitão Frederico d'Almeida Pinheiro, que eu vira, pela primeira vez, no dia da rendição dos revolucionarios de Santarem, fremitante da luta, retumbando os seus ideais, ao lado da bandeira branca arvorada num madeiro. Como os seus serviços atestavam uma lé verde, civica e vermelha sem igual, foi nomeado adjunto do adido militar em Paris, confiaram-lhe missões, deixaram-no negociar á larga, edificando mais que identificando, e no fim, descobria-se, averiguava-se e provava-se outra cousa pasmosa: o jacobino ajudara tambem a demolir a legerida do senhor Bernardino Machado: deixara de ser homem de bem.

Mas como foi isso?! Como conseguiu durante tempo—porque não se roubam oitocentos mil francos, quasi um milhão, em horas—haver ás mãos a quantia fabulosa que os correligionarios afirmam ter sido por êle extorquida? Então em Paris, um simples adjunto ou até mesmo um adido militar, mediante a sua assinatura, levanta depositos valiosissimos, move-os, emprega-os, mete-os na mala, dispõe deles, mexe-os?

Que organização de secretarias é essa, que vigilancia exerce a legação ou que acção maravilhosa vinha desse capitão miliciano, revolucionario e pobretana o qual, vivendo á larga, teve sempre a sorte de ninguem lhe esmiuçar a origem dos rendimentos?!

A primeira coisa que competia ao seu superior era o de prosbir de negociar quem estava ali, embora sem razão alguma, numa missão diplomatica—militar. Toda a gente sabia das suas sociedades, das suas alianças—e que extraordinarias!—êles as contará a tempo—e dos seus lucros. Os portugueses que chegavam a Paris ouviam narrar a sorte venturosa de Almeida Pinheiro, as suas prodigalidades, as suas magnificencias. E era ve-lo, generoso como um principe ou como um ladrão—já se vê que não quadra ao republicano a primeira designação, horror!—parodiando grandesas, espalhando convites, ostentando automoveis. Em pleno *boulevard* ou nos Campos Elisios a sua residencia era um ninho de luxo. Como se o perfume dos seus *sachets* atravessasse a fronteira

conheciam-se aí no Chiado, as opulencias de Almeida Pinheiro, as sumptuosidades de Almeida Pinheiro, os esplendores de Almeida Pinheiro. Em Paris, a legação e o adido militar ignoravam-nas. Nesse caso—pergunto eu agora—qual é o papel dessas entidades tão pouco atentas a casos desta monta num país onde exercem funções, por sua indole delicadissimas, de análise e de cuidado? Que fazem lá esses funcionarios, que nem sequer informavam do commercio do empregado do estado, do official, do homem de galões a tratar de electricidade, de minas, de negociatas complicadissimas?!

Ora que fazem? Passeiam e sentem que onde está um republicano não falha de lá estar, em sua alma, um genuíno homem de bem.

Almeida Pinheiro, com o seu crime e as suas bagagens fugiu; os que deviam informar o governo dos seus actos anteriores continuam nos seus postos e o identificador dos mortos das *trinchas*, como se vê, *trinchou* tambem uma soberba parte nos cadaveres dos herois.

Perguntar-me-hão, depois disto, que resta do sacrificio portuguez—o qual falhou em Africa para se produzir na França—, o que fica dessas vantagens prometidas, dessas maravilhas anunciadas por quem quiz forçosamente, exhibir serranos na Flandres e enterrar minhotos, alentejanos, beirões, mocidades, em Lavantie, em Lacouture, em solos extranhos?!

Os navios parecem atacados duma endemia cleptomantaca; sempre que se penetra neles é necessário levar uma esquadra de policia e ainda assim corre-se o perigo dos guardas aderirem: os depósitos da liquidação embolsou-os, em boas notas francesas, o adjunto militar, o resto... Mas que é o resto? Ah! Sim os futuros milhões compensadores. Não tem, o país diante dos exemplos apontados, a menor dúvida de que eles virão em catadupas, rolando, tilintando, fecundantes e mágicos, transformar a vida nacional.

E' mesmo com esse encargo que lá está, tambem, régiamente, não—oh! blasfemia—mas magnificamente instalado, o senhor doutor Afonso Costa, o qual, de quando em quando, manda um saque de duzentos contos a seu favor, logo pago, como se fôsse um soberano a banhos demorados em terras estrangeiras ou o proprietario duma herdade a dispendir sem contar o producto do trabalho de cinco milhões de galerianos. Sim, porque dos restantes portuguezes, meio milhão pertence à categoria de donos e o outro meio foi para o Brasil representar Portugal tão bem como os dos Transportes e os da Identificação.

Que sobrou, então, dos lucros de guerra?

À pergunta, feita nestes termos, interessa os das *trinchas*, mas é perturbadora para os *trinchantes*.

Ora o que resta?! Dois soldados desconhecidos, presos na sua jazida perpétuamente, e à solta, imensos ladrões em demasia conhecidos.

## Aquela mulher perdida

À tarde, no *Rendez-Vous*, toma-se um chá pretencioso e, amaneirando elegantismos, junta-se ali gente de todas as proveniências. Até mesmo os afanosos dos homens da rua dos Capelistas vão por lá palrar de negocios entre dois goles aromaticos da bebida e umas dentadas nos *brioche*s como sobremesa de mordeduras mais rendosas.

Na minha meza, o ultimo descendente dos ardentes e cavalheirescos senhores da Biscaya, frondes realengos e iniciadoras das grandes conquistas à mourama, pálio, de mãos veidas de um azul suave, a linha esguia de um nobre senhor no exgotamento de uma raça, dez vezes secular, contava-me certa aventura — que a ouvira num coscovilhento *club chic* — em que paradeára aquela mulher morena, de belos olhos negros, com um sinalinho na facesita formosa, o *beijocador* das sécias, e que desfolhava um lindo ramo de frescas violetas, distraída, abstrata, no vago.

Pois com seus dentitos de creança roêra uma fortuna a um celebre e afortunado açambarcador que mergulhára em todos os negocios e creára reputação de invencível nas manhas, nas tricas, nos passes venturosos. O que êle não tinha era escrupulos; em sobra, porém, lhe crescêra a audacia. O seu ar pezado, tristonho, môrno, o desdem de mercatudo, de topa almas, as suas passadas pausadas, pachideimicas, assustavam, por vezes, os do negocio como se trouxessem o rolar de derrotas. Para êle não existia mais do que o seu razer, o desejo ardente de embolsar, a necessidade de todos os dias calcar as vítimas importando-se tanto com as miserias e as dôres geradas por sua ganancia como lhe fazia môssa a chuva caindo enquanto, ao canto do seu fogão de marmore, mastigava o charuto e cuspinhava as películas anegradas, ao acaso, embebecendo-se a gosar as batalhas e os triunfos.

Uma das grandes fomes nacionaes creára-a numa ancia de arruinar um adversario; lizera atravessar a raia manadas de bois ruivos, acobreados, negros, rebanhos de carneiros, lépidos, movendo-se como bolas de algodão sujo num côro de balidos e varas de porcos lentos grunhidores quando os queriam arrastar. Depois exportára milhões de galinhas, wagons empalhados cheios de ovos, vacas de boa apojadura, tudo quanto fazia falta para alimentar a nação, fortalecer as creanças, e acudir aos enfermos.

Desta vez enrolhára-se num Maple, puzera-se a cuspinhar o tabaco, a bôca murcha torcida num sorrisinho alegre, soltando uns *anh anh* felizes e, esfregando molemente as mãos, cavilava um novo golpe embora a fome redobrasse. Que tinha êle com isso?! Fóra da barra, sob a bandeira estrangeira, estavam os seus navios de porões atulhados de trigo que não viria saciar uma cidade enquanto não lhe fechassem o negocio com dobrados lucros. Ou o enriqueciam mais ou não haveria pão. Praticava assim em tudo, devastador, cruel, rufm, miseravel, de olhos luzidiss e perfurantes como um bicho de rapina ao cheirar-lhe a caça. Tudo lhe servia e não guardava piedade; fornecêra conservas pôdres aos soldados que se batiam sob o fogo germanico e sobre a neve da terra alheia, afundára um barco para altear o preço do milho, levára à cadeia um empregado que lhe furtára uns mil réis e adquirira palacio, predios, herdades, quintas, automóveis e cavalos de preço, com a dôr alheia, a ruína de quem se lhe confiara, o desespero e as torturas de milhares de pessoas.

O seu maior capricho fôra aquela mulher alcunhada por uns como carne de bordel pôr outros de filha de um falido. Que era linda, isso não sofria dúvida e os da Bolsa, os da Alta Banca, atraídos pela fatalidade que gerára cobravam-na mas alfinetavam-na de criticas acerbas.

— Estava bem governada .. Portára-se como uma canalha... O homem, num alarde, confiára-lhe montões de dinheiro e zás negava-lho, centenas de contos, cuja falta lhe causava grave embaraço... E recusava-lhos a cabra; barregava não ter couza alguma dêle... Ah! sim, talvez um lenço... mas isso era apartamento...

A mulher não deixára de triturar as pétalas, de dilatar as narinas como se lhe cheirasse a mais ouro, — êle tem o odor raro de todos os gôcos —, continuava a entreabrir os labios como para sorver mais dinheiro áqueles sugadores de officio. Bebeu um gble de chá, passou, docemente a lingua pelos labios grossos, vermelhos, e com as unhas aliadas de felina pôs-se a rasgar as folhinhas verdes circumdantes do raminho rôxo.

Então o meu fidalgo amigo, rebento dos grandes senhores biscainhos, ao concluir a narrativa, mirou-a bem e confessou, num arranco, pouco dos seus habitos e da sua educação, que adorava as perdidás e as via como um elemento de correção na sociedade, as considerava verdadeiras vingadoras dos desgraçados, das vítimas dos exploradores, quando, como aquela fizera, infelicitavam os manejadores de milhões. Conhecêra uma que levára ao suicidio o ventre de ouro mais famoso da fauna bolsita e o deixára com a bala na cabeça, um fiosinho de sangue deslisando do nariz para a bôca, lento, arroxeadado e pegajoso como uma sanguessuga viscosa e pletorica: a imagem do qua êle fôra em vida.

Soberba mulher — continuava —, ela e todas as perdidás deste modelo, são forças na lucta social, autênticas revoltadas, fazendo o mal, dilacerando, esmagando, quem tantos horrores espalha na terra.

Oh! uma mundanal que se mete no leito de um dominador, o acaricia, o enrola nas suas tranças e faz dêle coisa sua, vale mais que as santas submissas e de que as honestas sofredoras! Oh! uma fascinadora a entontecer um Senhor da Especulação, a arrebatá-lo, a tornar-se lhe indispensavel, a assenhorar-se da sua vontade, a empolga-lo a ponto de lhe possuir mais do que a vida — o seu dinheiro —, essa mulher de toda a gente sobrepassa em grandeza as herôinas, sobretudo quando arrutna, faz chorar ou morrer um dêsses devastadores do mundo.

Sabe-se lá das horas passadas por essa alma a meditar no futuro, a planear o seu acto, amorosamente, cautelosamente, com uma pertinacia de aranha e uma tenacidade de gota de agua formando a estalagmite?! Concebe-se acaso o seu cuidado em não deixar transparecer nem o odio, nem a revolta?! Pobre dela! — exclamava o aristocrata erguendo as mãos niveas, rafadas de azul, diafanas e raciaes — devia ser para ela um tormento cada vez que o ouvia bater à porta... E vê lo, lento, mole, trazendo todo o orgulho desdenhoso do vencedor, insolente, afortunado, a querê-la, a toma-la, a possui-la, a mordê-la como à propria fortuna sua serval! Sim, sim, ela devia tremer e chorar cada vez que ouvia tocar a campainha.

Chegaria, porém, um dia de libertação e de vingança não só a sua mas a de todos nós a quem aquele arruinado de hoje e todos os outros, ainda poderosos, espésinham, sacrificam, sorvem as energias, chupam o talento e o caracter.

Ela, ali como a vês, machucando as suas violetas, ela e todas as suas companheiras que os exploram, os magoam, os roubam, os despedaçam e os prostram — oh! amigo! — são magnificos instrumentos do destino os quais deviam ser considerados valores revolucionários

Existem, no Brasil, uma aves extranhas — os urubús — que só se alimentam de carne putrefacta, das carcassas que empeçonham as aguas e empestam as campinas, das podridões, das lezes, e ai de quem lhes fizer mal, as ferir, as matar. São queridas, e as devoradoras de guanos, porque ivitam as epidemias, purificam a atmosfera, limpam os prados onde as criancinhas já podem

passar sem que o ar mefético lhes desbote as faces ou lhes gere a morte. Pois bem; eu desejo os mesmos respeitos para estas perdas que nos facilitam respirar sem perigo e nos permitem sentir certo alívio cada vez que apagam da nossa vista um explorador.

Ouvia-o calado, pasmava do seu entusiasmo novo, sentia que alguma couza de maximo passava na alma do meu fidalguíssimo amigo. Era agora bem diverso o seu tom do que desdenhosamente usára para retorquir ao filho de um gandaeiro, tornado senhor da finança, e que lamentava, na hecatombe russa, a derrocada dos milionarios. Foi o que os burguezes fizeram para se guindar; sacrificaram em França alguns dos meus antepassados... Agora chegou a vez a outra gente... *Le monde marche!*

Dissera aquilo numa calma, numa serenidade gracil, vibrara, só num ápice, uma ou outra silaba fusilante como o gume do cutelo guilhotinador mas lóra bem diferente o seu transporte de agora, ao concluir a apologia das perdas que aos grandes torturadores perdem.

Olhava sempre a mulher, atentamente, admirativamente como se a quizesse consagrar, vingadora aos olhos de todos, naquele café da noite, à hora do chá, diante da finança e da elegância, revolucionario extranho vindo de uma raça real.

Eu apenas lhe soube dizer:

Amigo, amas um petardo lindamente vestido de seda!

Ela voltára a cabecita; o seu signal negro da face lembrava um grãosito de polvora de rastilho e, não sei porquê, nos olhos daquela mulher perdida julguei vêr lampejos de punhaes.

---

LER NO PROXIMO NUMERO  
A 13 DE JANEIRO

Os Dentes de Ouro—Os que lançam as bombas  
e os que as bombas lançam—Mugidos da Rez Publica  
—O drama da classe média, etc.

